

# Estabilização depende do ajuste fiscal

*Governo precisa de um superávit de US\$ 8 bilhões para cobrir as despesas com os juros das dívidas*

BEATRIZ ABREU

**B**RASÍLIA — O governo comemora os baixos índices de dezembro, se anima com a perspectiva de que janeiro e fevereiro serão meses de inflação baixa, mas tem de vencer a batalha do ajuste fiscal para consolidar a estabilização da economia. O cenário é de otimismo, apesar da crise mexicana, mas os números não es-

condem o tamanho do ajuste necessário para garantir o equilíbrio das contas este ano: eliminar o déficit orçamentário de US\$ 12,7 bilhões e, adicionalmente, conseguir um superávit primário (receita menos despe-

sas) de pelo menos US\$ 8 bilhões, para cobrir as despesas com juros das dívidas interna e externa.

No ano passado, o governo conseguiu fechar suas contas com um pequeno superávit operacional. Ou seja, pagou tudo o que devia e ainda sobrou US\$ 1 bilhão, cerca de 0,2% do Produto Interno Bruto (PIB). Já se considerando um PIB de US\$ 480 bilhões. Este ano, o desafio está lançado. O ministro José Serra, do Planejamento, cortou US\$ 3,7 bilhões, insuficientes para um "rombo" de US\$ 12,7 bilhões do Orçamento da União.

A decisão de executar o orçamento com o mesmo critério adotado pelo ex-ministro Marcílio Marques Moreira — definir previamente os gas-

tos, de acordo com a estimativa de arrecadação — garantirá o equilíbrio no final do ano. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, se preocupa com o controle dos gastos, mas não vê no déficit orçamentário um problema insolúvel.

Malan argumenta que em 1994 o orçamento também era deficitário e, ainda assim, gerou superávit operacional de 0,2% do PIB. "O orçamento ajustado é um sinal positivo para os agentes econômicos", defende o secretário-adjunto de política econômica, José Cechin. Os olhos do mercado entenderão que, este ano, também não haverá espaços para défi-

cits e tampouco sobressaltos "na boca do caixa", segundo ele. A melhor indicação de que o governo não perdeu o controle das contas estará na composição dos juros. Ou seja, quanto maior a despesa com a rolagem da dívida inter-

**MALAN  
NÃO VÊ  
PROBLEMA NO  
DÉFICIT**

na, maior a necessidade de conter os gastos, para evitar a formação de um déficit.

O Tesouro Nacional contabiliza uma despesa mínima entre US\$ 7 bilhões e US\$ 8 bilhões — e máxima de R\$ 12 bilhões — com os encargos este ano. No Orçamento esta despesa é muito maior — US\$ 21 bilhões — mas se refere às chamadas dívidas contratuais, quer dizer, não tem nenhuma relação com a rolagem da dívida. A despesa com a rolagem poderá aumentar ou diminuir, dependendo se o governo, ao longo do ano, puxar ou relaxar no nível das taxas de juros. Nos últimos leilões, o secretário do Tesouro, Murilo Portugal, está colocando títulos com juros reais (acima da inflação) de 15% ao ano.

## BALANÇO FOLGADO

Reservas internacionais garantem a estabilidade econômica (em meses)

|               |      |
|---------------|------|
| Taiwan        | 10,6 |
| Brasil        | 10,2 |
| Chile         | 9,4  |
| Peru          | 8,7  |
| Venezuela     | 6,8  |
| Índia         | 6,0  |
| Colômbia      | 5,8  |
| Singapura     | 5,7  |
| Argentina     | 5,6  |
| Coreia do Sul | 5,5  |
| Malásia       | 5,4  |
| Tailândia     | 5,1  |
| China         | 3,8  |
| Uruguai       | 3,1  |
| Filipinas     | 2,7  |
| Indonésia     | 2,6  |
| Paraguai      | 2,3  |
| México        | 1,5  |

